

S E R M A Õ
D E
S. JOAÕ NEPOMUCENO,
PROTOMARTYR DO SIGILLO,
P R E' G A D O

Na sua Igreja dos Religiosos de Santa Teresa no
terceiro dia de sua novena de tarde,

Q U E O F F E R E C E
AO EXCEL. E REV. SENHOR O SENHOR,

D. THOMAS^I
DE ALMEIDA,

Presbytero Principal da Santa Igreja Patriarcal,
SEU AUCTOR

DOM JOACHIM
BERNARDES,
Clerigo Regular.



LISBOA.

Na Officina de MIGUEL RODRIGUES, Impressor
do Emin. Senh. Card. Patriarca.

M. DCC. XLVI.

Com as licenças necessarias.

L2819

S E R M A O

JOAO NEPOMUCENO

PROTOMARTYR DO SIGILO

P R E G A D O

Na Igreja dos Religiosos de Santa Teresinha

em 15 de Junho de 1846

EXCELL. E REVER. SENHORES

AO EXCEL. E REV. SENHOR O SENHOR

D. THOMAS

DE ALMEIDA

Parocho Principal da Santa Igreja Paroquial

SEU AUCTOR

DOM JOACHIM

BERNARDES

Clerigo Regular



UMA EMINENCIA ME

faz a honra de pedir ver e

seu nome: em o ponto de vista

do Livro de Santa Teresinha

M DCC. XLVI

Com as impressões de Santa

1846

^{mo} EXCEL. E REVER. SENHOR. ^{mo}



SUA Eminencia me
faz a honra de querer ver es-
se Sermaõ: eu o ponho na mão
de

de V. Excellencia, para que
chegue mais digno aos seus
pés. Se V. Excellencia lhe
pozer a lima, irá mais cor-
recto: Se Sua Eminencia lhe
infundir o espirito, será mais
efficaz. Graças a Deos por
nos dar hum Prelado tal,
que facilita o accesso aos seus
subditos. Graças a Deos,
que nos deo em V. Excellen-
cia hum imitador seu tão he-
roico, que permite estas li-
cenças aos seus criados. Dis-
simule V. Exc. o atrevimen-
to do sacrificio, que lhe fa-
ço,

ço, pelo grandissimo pejo, que
me resulta, e mereça a mo-
destia o que não merece a
obra. Perdoe-me V. Excel-
lencia este enfado, e honre-me
com os seus preceitos. Deos
guarde a V. Excellencia os
annos, que merece. De casa
16. de Mayo de 1746.

De V. Excellencia

Mais reverente Orador, e servo

D. Joachim Bernardes.

LI.



LICENÇAS.

DO SANTO OFFICIO.

*Approvação do M. R. P. M. D. Caetano de Gouvea,
Qualificador do Santo Officio, &c.*

EMINENTISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR.

POr ordem de V. Eminencia vi o Sermao do glorioso Protomartyr, do sigillo Sacramental S. Joao Nepomuceno; pregado na Igreja do mesmo Santo pelo M. R. P. D. Joachim Bernardes, Conego Regular da antiga Congregação de Santa Cruz de Coimbra, e conforme o juizo, que pude fazer desta taõ util, como excellente obra, pareceme, que està feita com toda a força, eloquencia, e erudição, que pede naõ só a materia, que nella se trata, mas tambem o presente tempo, em que Deos quiz castigar as culpas deste Reyno com a mais rigorosa severidade da sua justiça, permittindo, que nelle se introduzisse hum erro, que a Igreja sempre abominou, como o mais detestavel, e pernicioso, porque faz que se aborreça, como mortal veneno, o mais efficaz, e saudavel remedio do peccado. Naõ póde, Senhor Eminentissimo, o sa-
gra-

grado, e mystico edificio da Igreja padecer a ultima ruina, ainda que contra elle se conjure, e o afaltem todas as furias do Inferno, porque esta fundado sobre a incontrastavel firmeza de huma pedra Apostolica, e guardado, e defendido pela omnipotente, e vigilantissima providencia do mesmo Deos, que o formou. Porém se a Igreja não póde ser arruinada, e destruida no mundo, póde ser mudada de hum lugar para outro, de huma para outra Provincia, que por isso se representa na Sagrada Escritura sobre huma roda não só veloz, mas velocissima, basta ser medianamente instruido na historia Ecclesiastica para conhecer a infallivel certeza desta verdade. Nos primeiros seculos do Christianismo floreceo a Igreja no Oriente com a mayor pureza na doutrina, e nos costumes, em quanto foy governada pelos Athanasios: pelos Basilios, pelos Gregorios, pelos Chrysostomos, e por outros santissimos, doutissimos, e prudentissimos Prelados, o mesmo lhe succedeo em Africa em quanto a governaraõ os Cyprianos, os Valerios, e os Agostinhos; e ha pouco mais de dous seculos, que da mesma sorte florescia em muitas partes da Europa, porque os seus Prelados imitavão na doutrina, e no zelo aos antigos, porém em todas estas partes apenas se conserva hoje a sua memoria, ou na tradiçãõ, ou nas ruinas. Os Templos, em que Deos recebia hum culto verdadeiro, e os Altares consagrados com as reliquias dos Santos, e ungidos com o sagrado crisma ou estaõ profanados com impias abominaçoens, ou sepultados nas suas mesma ruinas; desta infelicidade, que he entre todas a mayor, foraõ caula os erros, que contra a pureza da religiaõ nas mesmas partes

res se introduziraõ, ou porque não encontraraõ
opposiçaõ onde a deviaõ encontrar, ou porque
acharaõ patrocínio em quem os devia perseguir;
porque tudo isto permite Deos quando quer to-
mar huma taõ justa, como severa vingança das of-
ensas, que lhe fazem os peccadores, que sempre
lhe devem ser fieis, como o mesmo Deos revelou
pela boca de hum Profeta á Igreja de Israel, quan-
do era verdadeira. Com hum flagello semelhante,
ou com huma semelhante infelicidade mostrou
Deos, que queria castigar no nosso tempo o nosso
Reyno, mas como neste se ha de conservar sem-
pre pura a Religiaõ, e fé de Jesu Christo, como o
mesmo Senhor prometteo ao seu Augustissimo
Fundador, quando lhe deo a coroa no campo de
Ourique; por isso no mesmo tempo, em que para
castigo das nossas culpas permittio o mal, logo lhe
prevenio o remedio no Apostolico, e ardente zelo
de V. Emin. e do Eminentissimo Senhor Cardeal
Patriarca. Nunca Vossas Eminencias se mostraraõ
mais dignos da magestade de Principes da Igreja,
nunca desempenharaõ mais heroicamente as altissi-
mas obrigaçoens, em que os pozeraõ as eminentes
dignidades, que occupaõ: e a sagrada purpura, que
vestem, como quando fulminaraõ hum erro, que
disfarçado, ou cuberto com a capa de zelo maqui-
nava huma grande ruina à Igreja, a qual com agra-
decida memoria recommendarà á posteridade nos
seus Annaes os gloriosos nomes de taõ illustres de-
fensores.

O sigillo sacramental não só he de direito na-
tural, mas tambem he de direito divino, como o
mesmo sacramento da confissaõ, como se prova
com as authoridades dos Santos Padres, e Conci-
lios

lios dos primeiros seculos da Igreja, e por esta ra-
 zã se vê taõ recommendada a tua observancia
 pelos mesmos santos Padres, e Concilios, que es-
 tabeleceraõ esta doutrina de tradiçaõ divina, e pe-
 los mais doutos Theologos, que a illustraraõ, e
 defenderaõ, porque como affirma o doutissimo, e
 Illustrissimo Jacob Maldero, Lente de Theologia
 na Univerſidade de Lovaina, e depois dignissimo
 Bispo de Anveres, todos ensinaõ, que nunca he li-
 cito ao Confessor nem para evitar algum mal, nem
 para fazer algum bem revelar o sigillo da confis-
 saõ, ainda que deste bem se seguisse o fazerse todo
 o mundo Christaõ, e daquelle mal o naõ haver na
 Igreja Sacerdotes, nem confissaõ, e isto ainda que
 hum Anjo do Ceo revelasse o contrario, e o Papa
 o mandasse, e o dispensasse: *Pro nullo incommodo*
avertendo, pro nullo bono procurando licet Confessario re-
velare secretum confessionis: etiamsi ea revelatione possit
totum mundum Christo lucrifacere, aut gravissimum
damnum spirituale à tota Ecclesia, vel Republica avert-
re, etiamsi illud tale esset, quo omnes Sacerdotes, & quo
ipsa confessio è medio tollerentur etiamsi Angelus de cælo
aliter faciendum revelaret, & Papa aliter juberet, aut
dispensaret. Est omnium Doctorem sententia. Dã gran-
 de pezo a esta doutrina de todos os mais doutos
 Theologos a cuidadosa providencia, que Deos
 tem da guarda do sigillo sacramental, porque,
 como tem observado muitos, e graves Auçto-
 res, permittindo o mesmo Senhor, que muitos
 Confessores perdessem o juizo, naõ se sabe de
 algum, que na sua loucura revelasse nada do que
 tinha ouvido na confissaõ. O mesmo tem succe-
 dido com todos aquelles, que desamparados da
 graça divina tem apostado da verdadeira reli-
 giaõ,

Maldero
 de Sigillo
 c. 3. pag.
 33.

Langlet
 tract. hist.
 & dogm.
 de inviol.
 confess.
 sigil. gal-
 lice scri-
 pt. c. 16.
 pag. 357.
 Soto de
 detegendo
 secreto q.
 4. conc.
 1. Vasq. in
 3. p. tom.
 4. q. 93.
 art. 4. sub.

giação, e abraçado varias heresias, principalmente nos dous ultimos seculos, e tendo muitos delles nos impios livros, que escreveraõ, proferido ás mais abominaveis, e sacrilegas blasfemias contra a Igreja, contra os Sacramentos, e principalmente contra o da penitencia, ainda nenhum revelou o sigillo do que ouvira na confissão, antes pelo contrario se sabe de hum, * que a poucos cede na impiedade, o qual na mesma obra em que sacrilegamente impugna o sacramento da penitencia, e o pertende tirar da Igreja, faz huma cruel invectiva contra os reveladores do sigillo, dizendo que devem ser castigados com o mayor rigor.

*
Marc.
Antonio
de Domi-
nis.
Idem Lan-
glet pag.
360.

Idem 310.

Langlet,
Malderus,
Feliciani,
Henriq.
Theophi-
lus Reyn.
Tanerus,
Gobat.

O doutissimo Cardeal de Perron, disse, que a revelação do sigillo sacramental he contra o direito das gentes, e por esta razão nos supremos Tribunaes do Reyno de França se tem proferido muitas sentenças, pelas quaes foraõ condemnados ao ultimo supplicio, como perturbadores da Religião, e do Estado, muitos Confessores convencidos de revelarem o sigillo. Muitos, e graves Theologos affirmão, que os Juizes Ecclesiasticos devem relaxar ao braço secular estes sacrilegos profanadores do sacramento da penitencia pela grandeza do seu delicto, que ainda he mais grave, mais enorme, e mais escandaloso, que o que commetteo Judas quando vendeo Christo aos Judeos: assim o affirmo hum Auctor, que depois de illustrar a esta Cidade com o nascimento, illustrou toda a Igreja com a grandeza das virtudes, e da doutrina, e ainda hoje a illustra com a grandeza, e multidão dos milagres: este he o glorioso Santo Antonio; veja V. Eminencia a força, e clareza, com que se explica em hum dos seus Sermoens sobre esta

esta taõ importante materia: Vere enim filii sunt
diaboli, (Confessores) à Deo vero, & vioreprobatu,
ab Ecclesia triumphante expulsi, & à militante excom-
municati, ab officio, & beneficio deponendi, & infamiae
publicae exponendi, qui confessionem non dico verbo,
(quod pius est omni homicidio) sed signo, vel alio quo-
cumque modo occulto, vel manifesto irrisorie, vel ap-
plausorie denudant, & manifestat. Audacter dico, qui
cumque discooperuerit confessionem, gravius peccat
proditore Juda, qui Dei filium Judæis vendidit.
E como nestas palavras mostra o nosso Santo,
que foy o mais acerrimo defensor do sigillo sacra-
mental, em quanto viveo no Mundo, tambem
agora, que reina glorioso no Ceo, o ha de ter pa-
ra livrar a sua patria de hum erro, que tanto abo-
minou, e unindo a sua poderosa intercessaõ com
a de S. Joaõ Nepomuceno, ambos alcançarão de
Deos, que fortaleça o coração de V. Eminencia,
e o do seu Eminentissimo Collega para defende-
rem a pureza da fé, e da religiaõ, como saõ obri-
gados, e para coroarem a Igreja, de que saõ Princi-
pes, com a victoria de hum inimigo, que entre to-
dos he o que mais fortemente acombate, porque
mostra que a defende. Para esta victoria se minis-
traõ no presente Sermaõ as melhores, e mais fortes
armas: mande V. Eminencia que se publique por
meyo da impressaõ. Lisboa na Casa de nossa Senho-
ra da Divina Providencia de Clerigos Regulares
23. de Mayo de 1746.

D. Caetano de Gouvea. C. R.

Vista a informação, póde imprimirse o Sermaõ, que se apresenta, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença, que corra, sem a qual não correrá. Lisboa 24. de Mayo de 1746.

Fr. R. de Lancaster.

Abreu.

D O R D I N A R I O.

*Approvação do M. R. P. M. Fr. Joseph de Oliveira da
Ordem da Santissima Trindade, &c.*

EXCELLENT. E REVER. SENHOR.

MAndame V. Excellencia ver este Sermaõ, que na celebridade de S. Joaõ Nepomuceno prégou o M. R. P. M. D. Joachim Bernardes, Clerigo Regular. Nelle vejo cumprido, que sempre que Deos por seus altissimos fins permittio, que a sua Igreja tivesse guerras, que a combatessem, a armou a sua incomprehensivel providencia de escudos, que a defendessem, assim lhe tem succedido em todos os tempos, porque em todos teve sempre contratempos: em huns eraõ Athanasios, e Chrysoftomos, em outros Agostinhos, e Ambrosios, naquelles eraõ Jeronymos, e Gregorios em satisfação da sua palavra, e cumprimento da sua promessa, (a que não sabe, nem póde faltar) que por mais que o Inferno se armasse contra ella, nunca prevaleceria, mas assim como nunca prevalecera, não desistira nunca, porque tem por

pro-

propriedade, ou melhor differa por effencia, não se arrepender, e por esta razão tanto que a seu pezar vio, que a observancia do sigillo fazia Martyres, sendo o Protomartyr Nepomuceno, logo declarou, e publicou guerra contra a observancia do sigillo, porém tambem logo achou a Igreja armada do invencivel escudo de duas sagradas Purpuras, que a defendem, e de hum prégador, que a convence com este, que elle chama Sermaõ de S. João Nepomuceno: e eu chamara lição de ponto do sigillo sacramental, porque se elle para o préggar mudou o pulpito em cadeira, porque para o censurar não converterey eu em lição de ponto o Sermaõ? Mas huma, e outra cousa he este Sermaõ, porque o Auctor unio com tal arte a da Rhetorica com a Syllogistica, que quando parece lição de ponto, he Sermaõ, quando parece sermaõ, he lição de ponto, em que prova com a mayor evidencia a inviolavel obrigação do sigillo sacramental, soltando com a mayor efficacia os argumentos contrarios, (se pôdem ter nome de argumento) que só senaõ dará por convencido o que se sujeitar á pena de pertinaz com confiscação do racional.

Mas pelo que ouço dizer, devo censurar por superfluo o incansavel estudo, com que o Auctor aõ evidentemente refuta o erro da pratica, que impugna, porque he questaõ do genero daquellas, a que os Filósofos chamaõ de *subjecto non suppone*, porque todos negaõ, que na confissão haja tal pratica, nem se use tal estylo. Agora me lembra o que disse o mayor homem, que no seculo passado vio a nossa nação, e admiraraõ as estranhas, palmo da eloquencia, assombro do juizo, a quem o Auctor tambem allega nesta sua lição de pon-

ponto. Sabendo pela confissão, que havia muitas mentiras, pois confessando-se muitos do mal, que desejavam, e ainda faziam ao seu proximo pelos testemunhos falsos, que lhe levantaram, ninguém se confessava de levantar testemunhos, nem dizer mentiras, e como a experiencia lhe mostrou, que havia testemunhos falsos sem ninguém os levantar, e mentiras sem ninguém as dizer, testemunhos falsos, sem haver falsarios, mentiras sem haver mentirosos, tirou por consequencia, que as mentiras não tinham autor, ellas eram autores de si mesmo, e que os testemunhos falsos ninguém os levantava, elles se levantavam a si proprios. Eu tambem vendo, que todos negam, e nenhum confessa, que haja na confissão esta pratica, tiro duas consequencias, a primeira he a mesma, que tirou aquelle grande homem da mentira, que esta pratica ninguém a usou, ella he a que usa de si mesmo, ninguém he o autor della, ella he autora de si propria. A outra consequencia he, que he tão perniciosa para a confissão esta pratica, que não ha quem confesse o seu uso, por mais que muitos digam, que ella não só está usada, mas já muito gastada pelo muito uso.

Tambem dizem, não ley se mais sentidos, que queixosos, que não havendo a tal pratica não havia necessidade daquella Pastoral, nem daquelle Edicto, porém se não ha quem tal pratique, que importa, ou que mal lhe faz aquelle Edicto, e aquella Pastoral? Aley, a quem não comprehende, não aggrava. Em que offende ao Ecclesiastico a ley, que o Principe secular manda observar aos seus vassallos leigos, se ella não prejudica a immuniidade? Se estão immunes da Pastoral Patri-

arcal, e do Ediçto Apostolico, digaõ com os Fariseos: *Quid ad nos?* Quanto mais, se como dizem não ha o delicto da pratica, e uso daquella fracção do sigillo sacramental, não póde haver o escandalo, que publicaõ causaõ a Pastoral, e o Edito, porque as leys não são como Jano, que vem, e tem olhos para traz, pois só para diante olhaõ: a comminaçaõ das suas penas não he para castigar delictos passados, he para evitar os futuros. E deviaõ estimar, e dar muitas graças a Deos de lhes dar huns Pastores tão vigilantes, que lhe previnem o remedio antes da enfermidade. Não he melhor o Medico, que applica preservativo á doença, antes que se sinta o achaque, do que o que cura depois que se padece a enfermidade? Pois se são tão peritos os nossos Medicos espirituaes, que na sua Pastoral, e Ediçto nos dão preservativos para não enfermar, beijemlhe todos as suas sagradas Purpuras pela vigilancia, com que se anticipaõ com o remedio ao contagio.

Foy a liçaõ de ponto deste Sermaõ, ou o Sermaõ desta liçaõ de ponto por mão de hum Excelentissimo Thomás á presença de outro Eminentissimo em tudo, e quando no ouro deste Sermaõ, ou neste Sermaõ de ouro podesse haver fézes, todas se purificavaõ passando por tal mão, e chegando a tal presença, mas não necessita de purificar-se este ouro, porque nada tem contra a nossa santa fé, e bons costumes. Convento da Santissima Trindade de Lisboa 27. de Mayo de 1746.

Fr Joseph de Oliveira.

Vista

Vista a Informaçãõ, póde-se imprimir o Sermaõ, de que se trata, e depois de impresso tornarà para se conferir, que sem isso não correrà. Lisboa 28. de Mayo de 1746.

D. J. A. de Lacedemonia.

D O P A Ç O.

Approvaçãõ do M. R. P. M. D. Joseph Barbosa Clerigo Regular da Divina Providencia, e Academico da Academia Real, &c.

S E N H O R.

POr ordem de V. Magestade vi o Sermaõ de S. Joaõ Nepomuceno, que prègou o P. Doutor D. Joachim Bernardes. Hum mereceo nova coroa de martyrio por guardar, como devia, com todo o rigor o sigillo sacramental, e o outro a merece pela elegante sciencia, com que discorre. Não tem cousa alguma contra o Real serviço de V. Magestade, para que se lhe não conceda a licença, que pede para se imprimir, e de se fazer publico, este papel constarà a grandeza heroica do Santo, e a efficacia Apostolica do Prègador. V. Mag. mandará o que for servido. Lisboa nesta Casa de N. Senhora da Divina Providencia de Clerigos Regulares, 4. de Junho de 1746.

D. Jozè Barbosa C. R.

QUe se possa imprimir vistas as licenças do santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornarà á Mesa para se conferir, taixar, e dar licença, para que corra, e sem isso não correrà. Lisboa 7. de Junho de 1746.

Almeida.

Castro.

Erit



Erit enim tempus, cum sanam doctrinam non sustinebunt; sed ad sua desideria coacervabunt sibi magistros prurientes auribus: & a veritate quidem auditum avertent, ad fabulas autem convertentur.

De epist. Paul. ad Timoth. 2. cap. 4.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca

(SENHOR)



S Apostolos de Jesu Christo forão todos dotados do espirito de profecia: e no texto, que acabo de repetir, foy São Paulo não sómente Apostolo, mas também Profeta. A desgraça he, que se guardasse para o nosso Reyno, e para o nosso tempo o cumprimento fatal deste infaulsto vaticinio: e ainda he mayor desgraça, que nasce-

A

se

se a enfermidade nos braços do remedio ; porque desde o tempo , em que Portugal dá culto a São João Nepomuceno Protomartyr do sigillo , principiou entre nós o mesmo sigillo a padecer insensivelmente a sua decadencia. Nunca o povo de Israel foy idolatra com mais excessão , que quando se promulgou no alto do Sinai o primeiro preceito do Decalogo. Parece , que aquella ley , que lhe devia servir de freyo , lhe servio de espora : *Nitimur in vetitum*. Assim se vio por desgraça nossa no nosso Portugal. Quando Deos nos deo em S. João Nepomuceno hum exemplo para a observancia do sigillo , principiou a malicia pretextos para a infracção. Frustrouse na constancia do Martyr a efficacia do exemplo : cresceo o achaque á vista do remedio : refinou-se o veneno na applicação do antidoto. Mas assim como aquella idolatria não fez que se riscasse o primeiro preceito daquella ley , assim esta maldade não nos desobriga de dar culto a este Santo.

Parte deste culto consiste nos Panegyricos deste Novenario , de hum dos quaes sou eu chamado para Orador. Receoso venho , e com razão ; porque em conjunctura tão critica , que divide a Corte em pareceres , preciso será , que a muitos desagrade. Fallar no sigillo he materia indispensavel , e isto por dous principios : primeiro , porque a sua inobservancia he hoje a cousa mais frequente ; e os Prégadores Euangelicos estamos obrigados a reprehender o erro , que predomina : segundo , porque a sua observancia foy a que granjeou a S. João Nepomuceno a laureola de Martyr. E assim como a quem de veras ama , não se lhe pó-

de

de fazer mayor lisonja, que fallarlhe no que ama; assim tambem a hum Santo, que foy Martyr, porque guardou o sigillo, não se pôde fazer mayor obsequio, que fallarlhe no sigillo. Como do seu segredo se lhe seguiu a gloria do triunfo, repetir-lhe a causa lhe accrescentará a sua gloria accidental no Ceo.

Para fallar pois não só no Santo, que foy o mais religioso observante do sigillo, se não, e muito mais no sigillo, que fez Martyr a este Santo; mas aos que o não observaõ, não fará santos Confessores, me lembrey de hum texto de São Paulo, no qual (oh lastima!) se retrata com as mais vivas cores o pernicioso erro, que em Portugal estava não só altamente introduzido, se não tambem profundamente arraigado: erro, que a não ter Portugal hum Argos em cada hum de dous vigilantissimos Pastores, sem duvida chorariamos o estrago do rebanho. Mas quando faltou a David espada para degollar gigantes, ou quando não teve forças para destroçar urfos, e leões?

Escreve S. Paulo a seu discipulo Timotheo, e lembrandolhe as obrigaçoens do seu cargo, o exhorta á execuçaõ do seu officio. Préga (lhe diz) a palavra de Deos: insta, e aperta esses cordeis: se opportuno, e importuno: argue, roga, reprehen- de com toda a paciencia, e doutrina: *Prædica verbum: insta opportunè, importunè: argue, obsecra, increpa in omni patientia, & doctrina*: e pa- recendome, que fallava comigo a voz do Aposto- lo das Gentes, quiz honrarme com a obediencia ao seu preceito. Eu hey de prégar hoje a palavra de

Deos com todo o zelo, que me for possível. Eu hey de argumentar tão vivamente, que chegue a convencer: se não for, que os sequazes da sentença opposta incorraõ na de Agostinho: *Convinci poterunt; vinci non possunt*. Eu hey de instar de tal forma os argumentos, que a inveja do sigillo deverá ficar em hum perpetuo silencio. Bem sey, que em tempo semelhante será o sermão, por dilatado, importuno; mas ninguem me negará, que he opportuna a occasião. Eu hey de pedir instantemente a huns, que detestem o erro; a outros, que o declamem. Eu hey de reprehender com os termos mais severos a doutrina mais abominavel. Só não poderey satisfazer ás duas ultimas palavras: *In omni patientia & doctrina*: não com a sabedoria, porque a não tenho: não com a paciencia, porque me falta. Hey de em fim ir commentando as palavras, que tomey por thema; e mostrar nellas por desgraça nossa retratado vivamente o presente erro. Demos principio ao discurso para ver se damos fim á feita.

Ei it enim tempus, (diz S. Paulo) *cum sanam doctrinam non sustinebunt*. E se as profecias entã se enchem, quando os successos se conformaõ com os vaticinios, he chegado o tempo, em que muitos varoens havidos por doutos, e timoratos não sustentaõ a doutrina sã, e verdadeira, antes favorecem as partes de huma doutrina falsa, e totalmente errada. Chegou o tempo, em que este fogo activo ardendo dissimulado entre as cinzas da cautela, rebentou em chammass, e ameaçou incendios. Chegou o tempo, em que o tentador astuto quiz semear zizania entre o trigo escolhido

da refugiaõ Portugueza. Se esta desgraça succede-
ra em outro Reyno, não me fora tão sensivel. A-
quelle Reyno, de quem disse o summo Oraculo
da verdade, que seria puro na fé, e Reyno seu :
Erit mihi Regnum fide purum! Aquelle Portu-
gal, que quando em varios tempos dividido em
facçoens o sacro Consistorio dos Cardeaes elegeo
dous Papas, sempre Portugal por especial influxo
da providencia seguiu, e obedeceo ao Papa ver-
dadeiro! Aquelle Reyno, que para accrescentar
á Igreja Catholica espirituaes dominios chegou
com a espada, diz Vieira, onde S. Agostinho não
chegou com o pensamento! Aquelle Portugal,
de quem dizia o santissimo Padre Clemente XI:
*Estou bem com Portugal, porque he hum Reyno,
que nunca me bolio no Credo!* Portugal em termos
de contagio de huma doutrina menos pura! O
tempora! O *mores!* Chegou em fim o tempo de
cumprirse a profecia de S. Paulo: *Erit enim tem-
pus, cum sanam doctrinam non sustinebunt.* Mas
que doutrina he esta, que se introduzia em Por-
tugal?

Muitos Ecclesiasticos bem instruidos, e de-
votos, levados de hum falso zelo da salvaçaõ das
almas, vendo o estrago, que padeciaõ as consci-
encias na desordem da lascivia, e desejando appli-
car proporcionados meynos á reforma de hum vi-
cio tão universal, assentaraõ entre si a pratica de
huma doutrina certamente detestavel, sem adver-
tir, que da praxe do remedio se seguiaõ mayores
danos, e mais perniciosas consequencias - *Incidit
in Scyllam, cupiens vitare Charybdim;* ou como
cantou outro Engenho: *Dum vitia intentant fu-
ge-*

gere, in contraria tendunt. Praticavaõ pois como systema licito os seguintes erros: Que podia, e devia o Confessor inquirir do penitente na confissão sacramental o nome, a patria, a vivenda, e outras circumstancias do complice do seu peccado: Que podia, e devia negarlhe a absolvição, se o não dissesse, suppondo, que não vem disposto para receber a graça quem não quer abraçar os meys de fugir da culpa: Que podia, e devia o Confessor extorquir do penitente licença (bem que invicto, e reluctante) para revelar o sigillo nesta parte ás pessoas, a quem tocasse o remedio do delicto: Que podia, e devia comunicar com os Prelados a noticia adquirida na confissão, para que estes com caridade pròvida sollicitassem os opportunos remedios. Assim o praticavaõ certamente, por mais que agora, negando ineptamente os factos, intentem dissimular os erros; e, suppondo difficullosa a prova, se queixem da impostura. Contra esta doutrina venho hoje declamar: *Predica verbum.* Contra os sequazes deste erro, convertendo o pulpito em cadeira, fortissimamente hey de arguir: *Argue.* E seraõ taes os argumentos, que não possaõ refutar-se: mostrando com evidencia, que seguem huma doutrina menos sã: *Sanam doctrinam non sustinebunt.*

Primeiro argumento. Toda a doutrina, que se aparta da praxe universal da Igreja, e do commun sentimento dos Doutores, he falsa, e absolutamente erronea: tal he a presente doutrina: logo he erronea, e totalmente falsa. Provo a menor do syllogismo. O sentimento commun dos Doutores, e a praxe universal da Igreja ensinaõ, que
naõ

naõ pôde usarse da noticia adquirida pela confissão, *etiamsi perderetur universus orbis, & salus totius Ecclesiæ periclitaretur*: logo por nenhum caso, e por nenhuma causa he revelavel o sigillo. E se me differem, (como me consta, que já dizem) que o sigillo da confissão naõ he de Direito divino, nem da essencia do Sacramento, e que o seu uso só tem autoridade desde o tempo do Papa Innocencio III. e do Lateranense Concilio, a que o mesmo Papa presidio, responderey, que o Concilio naõ impoz de novo essa obrigação aos Confessores; mas declarou como dogma infallivel o sigillo sacramental, ao qual os Confessores já desde o tempo de Christo estavam obrigados: assim como o Concilio Niceno naõ deo divindade ao Verbo, mas declarou por hereges aos que negassem no Verbo a divindade. Mas dado, e naõ concedido, que principiasse entaõ o onus do sacramental segredo, basta que hum Concilio Ecumenico o determine, para que fique a sua observancia inalteravel: logo o seguimento, e pratica do contrario he manifestamente sustentar hum erro: *Sanam doctrinam non sustinebunt.*

Segundo argumento. Todos os sequazes de doutrina taõ perversa saõ habitadores em alguma das Dieceses de Portugal; e como taes devem sujeitar-se ás leys, e penas impostas pelas Constituições dos seus Bispos: todas as Constituições dos Bispos de Portugal expressamente mandaõ com censura, que naõ possaõ os Confessores no acto sacramental investigar dos penitentes quem sejaõ os complices do seu peccado; e na Constituição do Bispo de Coimbra, sobre a pe-

na

na de excommunhaõ, se lhes accrescenta a do perdimento dos beneficios: logo todos os Confessores de Portugal estaõ estreitamente inhibidos para inquirir na confissãõ os nomes, e patrias dos complices do seu reo: logo os que o praticaõ cõmettem hum erro crasso: *Sanam doctrinam non sustinebunt.*

Terceiro argumento. O Confessor, que obriga ao penitente a commeter humia culpa grave, pecca mortalmente: obrigar ao penitente, que declare o complice do seu peccado he culpa grave: logo o Confessor, que assim pratica, pecca mortalmente. Provo a menor. Revelar hum defeito do proximo em materia grave he offender o preceito da caridade, e da justiça: o penitente, que declara os defeitos graves do seu proximo, offende a ley da justiça, e da caridade: logo pecca obrigado pelo Confessor: logo pecca o Confessor estrangendo ao penitente. Nem se me diga, que o defeito do proximo, declarado pelo penitente, fica sujeito ao sigillo da confissãõ; porque a razãõ de perguntarse he para o comunicar ao Prelado, ou ao Ministro, que o castigue. E se não se pergunta para que o castigue, he escusado, que se pergunte. Nem se me replique com o fim honesto de emendar ao penitente, evitandolhe a occasiãõ do seu peccado; porque, segundo o axioma Theologico communmente recebido: *Non sunt facienda mala, ut veniant bona*, se não he licito o dizer humia mentira leve para evitar hum dano grave, como póde ser licito o commeter hum peccado grave para evitar outro peccado contingente? Logo a praxe desta doutrina he erro manifest-

to:

to: *Doctrinam sanam non sustinebunt.*

Quarto argumento. Segundo a praxe commua dos Doutores Moralistas não deve o Confessor negar a absolvição ao penitente, se este tem a seu favor opinião provavel para que a absolvição se lhe confira: openitente neste caso tem opinião não só provavel, mas seguramente certa para obter a absolvição: logo não pôde por tal causa negarlha o Confessor.

Quinto argumento. A licença extorquida do penitente para revelar o sigillo, ameaçando-o com a negação da absolvição, he irrita, e totalmente nulla, porque o penitente em tal caso procede *vi coactus, invitus, & reluctans*: semelhante licença não he licença, mas violencia, e extorção: logo he nulla, e irrita, e deixa em seu vigor a obrigação da observancia do sigillo.

Sexto, ultimo, e fortissimo argumento. Todo o fim, que parece levar o Confessor em querer saber quem he o complice da culpa do seu reo, não he outro, que encher o preceito da correcção fraterna, castigando aquelle, para que se emende elle, fazendo-se o Confessor instrumento daquella correcção. Pelo commun sentir dos Theologos, e por expressa doutrina dos Concilios, particularmente pela do Concilio Caloniense estão os Confessores advertidos de não tomar sobre si este pezo por muitos perigos, que dahi podem resultar: logo o Confessor, ainda que saiba quem he o complice do peccado, não deve fazerse instrumento da sua correcção: logo erra sem duvida quem não se conformar com os Decretos dos Concilios: *Sanam doctrinam non sustinebunt.*

B

To-

Todos estes argumentos são tão solidos, e eficazes, que nenhum dos Corifeos da opinião oposta se atreverá a confutallos. E se alguém ha, que se determine a responderme, eu, que entre todos os Theologos me confesso, ainda mais que Paulo, *minimus Apostolorum*, os provoco, e desafio a singular contenda: *Descendat mecum in singulare certamen*; e estou bem certo, que, ajudandome a divina graça, ainda q̃ as palavras do desafio sejaõ de Goliath, hey de triunfar como David. Este he o caracter, e privilegio da verdade, que por si mesma se defende: *Omnium enim rerum fortissima est veritas*, disse o Nazianzeno.

Porém de que serve accumular palavras, se lhes está argumentando o innegavel syllogismo daquelle exemplo? Falla, e anima-te, se podes, estatua do Martyr invencivel. Falla, se podes; que se as pedras fustituem talvez o silencio dos homens: *Si homines tacuerint, lapides clamabunt*; quem infunde voz nas pedras, bem póde permitir lingua ás estatuas. Falla, e grita, madeiro desbastado, ou vulto sem alma, e com espirito. Quem te grangeou a veneração nesse Altar? Quem te adquirio a laureola do martyrio? Quem, senão o sigillo da confissão constantemente observado? Tu sim, invicto Nepomuceno, que na officina do segredo te lavraSTE a mais insigne coroa. Tu sim, que em conservar-se até agora a tua lingua fresca, e incorrupta argues mudamente, que foy acerto o teu sigillo. Logo, se o sigillo sacramental, tão religiosamente observado, foy o artilho de fazerte santo, seguirseha, que a infracção do sigillo só serve de fazer demonios. Não quero inferir tanto.

Baste.

Baste saber , que quem não imita o teu exemplo ,
vay errado na doutrina , que por nossos peccados
se praticava neste tempo : *Erit enim tempus &c.*

Prosegue S. Paulo o seu terrivel vaticinio, e
diz , que os sequazes desta doutrina errada farão
parcialidade á sua opiniaõ com homens conhecida-
mente Mestres , e letrados : *Sed ad sua desideria
coacervabunt sibi magistros.* Está bem advertido.
He muito antigo no mundo o arbitrio de autori-
zar os erros com o distincto caracter do seus se-
quazes , ou o tenho pela nobreza do sangue , ou
pela estimacão do magisterio. Assim o praticarão
Luthero , e Calvino , brindando com o veneno da
liberdade aos Principes do Norte, e de Alemanha.
Assim o fez Molinos fazendo mudar de cor as Pur-
puras de Roma. Assim o praticou Hugo , e Janse-
nio corrompendo a Christandade Franceza. Assim
o persuadio Arnaldo attrahindo a si aos primeiros
Senhores da Italia, e da Helvécia. Assim finalmente
o executarão nos seculos antigos hum Ario , hum
Pelagio, hum Manes, hum Donato, e outros infini-
tos. Os Grandes sempre tem quem os siga, ou por
respeito, ou por dependencia, ou por lisonja. E pa-
ra estabelecer hum erro não ha arbitrio mais segu-
ro , que comprar a inclinaçã dos Grandes. O pe-
rigo de perder a amizade do Cesar foy o estimulo ,
com que os Fariseos obrigaraõ a Pilatos , para que
sentenciasse injustamente a Christo : *Si hunc di-
mittis , non es amicus Caesaris.* O modo de autori-
zar esta opiniaõ perversa foy a attracção de al-
guns Mestres, a quem o mundo tem por sabios :
Coacervabunt sibi magistros.

Mestres lhes chamou S. Paulo para accómo-

danse com a accepção do mundo ; mas observado seriamente o seu uso , bem os podemos despojar da honra deste titulo. Diz hum gentio sentencioso , illustrado sómente com as luzes da razão , que injustamente logra o titulo de Mestre quem ensina doutrinas falsas : *Falso dicitur magister , qui falsa docet* : logo , sendo tão falsa a sua doutrina , como já provey , não se lhes fazia injuria em derubarlhes da cabeça a borla doutoral , e riscarlhes os nomes dos catalogos das Academias. Mestres sim ; mas taes Mestres , que eu os não quizera para discipulos. Despedio Pithagoras da sua escola a hum seu discipulo , porque o observava orgulhoso , e inquieto ; e perguntado dos outros pela causa da expulsão , respondeo : *Et me , & vos perdet* : Este mancebo he capaz de arruinarvos a vós , e de arruinar-me tambem a mim. Homens inquietos , e orgulhosos não servem para discipulos , e menos para Mestres. A mayor prova do orgulho de hum espirito está na introducção de novidades. Aos heresges chamaõ vulgarmente os livros orthodoxos *Novatores*. Vede pois se hum innovador deve admittirse na escola de Christo , sendo expulso das aulas de Pithagoras : *Et me , & vos perdet*. Intentavaõ perdernos : a vós com má doutrina , a mim com o mau exemplo. Semelhantes Mestres não causaõ edificacão , mas antes escandalo , e ruina.

Depois daquella sempre famosa acção do lavatorio disse Christo as seus discipulos , que elles lhe chamavaõ Mestre , e que acertavaõ o nome , porq̃ na verdade o era : *Vos vocatis me magister , & bene dicitis ; sum etenim*. Rara expressão era modestia tão divina ! Tinha Christo acabado de dar

dar a prova mais evidente da sua humildade profundissima, abatendo te o Senhor aos pés dos seus escravos, o Mestre aos pés dos seus discipulos; e quando a doutrina se qualificava menos nas vizes da sabedoria, que no exemplo da humildade, então achou que lhe competia propriamente o titulo do magisterio.

E que outra cousa era a intrusão de huma doutrina tão nova, senão hum effeito da soberba mais altiva? Levantar hum systema totalmente opposto á praxe dos Theologos, que outra cousa he, senão soberba? Imprimir papeis indecorosos ao sagrado respeito do Tribunal mais pio, levantando-lhe o falso testemunho de que usurpa a jurisdicção alheya, quando he tão attento em exercer a propria: Offender com termos menos castigados a integridade daquelle prudentissimo Consistorio, que não toma resolução alguma sem preceder primeiro o mais maduro conselho: Impor-lhe a calumnia de que deo credito a falsas testemunhas, quando até as verdadeiras ouve com a attenção mais circumspecta: Injuriar, e provocar com dicterios ao mais heroico soffrimento, e tratar de mentiroso ao mais santo Tribunal, de quem devemos os verdadeiros Catholicos andar beijando a terra, que pizaão seus Ministros; porque a faltarnos em Portugal a Inquisição, não sey se ha muitos annos estariamos hereges: Que outra cousa he tudo isto, senão soberba? Ah Senhor! *Confundantur superbi, quia injuste iniquitatem fecerunt*; confundi, meu Exemplar da humildade: *Exemplum dedi vobis*, confundi o orgulho destes soberbos para exaltação de vosso santo nome. Olhay, Senhor,

nhor , que não só quizerão introduzir huma maldade , mas tambem huma maldade injusta : *Injustè iniquitatem facerunt* : maldade , porque intentaraõ rompernos a segunda taboa de nossa salvação : injusta , porque acometem com insultos ao Tribunal da fé. Ditoio vós , meu glorioso Protomartyr do figillo , que , pospondo a vida á obrigação do segredo , mudamente clamaís , e são mayores os brados do vosso silencio , que o levantado grito de taõ injustas queixas ; e muito melhor nos ensinaís callando , que todos estes Mestres dizendo : *Coacervabunt sibi magistros.*

Estes Mestres , continúa S. Paulo , se uniraõ para encher os seus desejos : *Ad sua desideria.* Se a liberdade do pulpito não tivera por margens os apertados vinculos da modestia , largo campo tinha o discurso para correr solto no muito que a memoria subministra ao entendimento. Nem só as cousas do Ceo merecem o *non licet homini loqui* de S. Paulo : tambem as cousas da terra , e mui da terra deveraõ ao meu estilo algum silencio. Não direy tudo o a que podéra obrigarme o ardor do zelo ; mas não será taõ pouco , que possa dizer com Isaías : *Væ mihi , quia tacui.* Desafogar a dor com injurias não he tanto doutrina , como vingança. A vingança dos seus aggravos toca a Deos : *Deus ultionum Deus* : a mim só me toca o ter paciencia , e prégar doutrina : *Prædica verbum in omni patientia , & doctrina.* No que callo neste ponto , não tem pouco que agradecer ao meu desejo. Ora expliquemos estes seus : *Ad sua desideria.*

Os introductores da doutrina perniciosa sollicitaraõ a muitos Mestres , que seguissem o seu di-

sta-

Etame; e certamente os acharão á medida dos seus desejos, e do seu appetite. Dividem os Filósofos o appetite da natureza em appetite elcito, e appetite innato; e este desejo de saber na confissão os complices do penitente, pela frequencia se hia constituindo hum appetite innato; e pelas resultas, que ameaçava, não só era appetite elcito, mas illicito, e muito illicito. Illicito, porque faz odioso o Sacramento. Illicito, porque o medo do castigo nos penitentes os retira do mais piedoso exercicio. Illicito, porque he abrir a porta a infinitos sacrilegios. Illicito, porque he absolutamente contrario á pratica da Igreja. Illicito, porque motiva os escandalos, que sentimos todos. Finalmente illicito em si, nas suas causas, nos seus effectos, em tudo, e por tudo illicito. Eis-ahi tendes definidos estes seus desejos: *Ad sua desideria.*

Os Theologos Moralistas nos ensinão, e admoestão, que quando no confessorio nos chegarem aos ouvidos materias delicadas, nos abstenhamos quanto for possivel de perguntas curiosas, fundando talvez a maxima deste prudentissimo conselho na cautela, com que devemos evitar perigos: *Qui amat periculum, peribit in illo.* Se ainda vay arriscado quem toca no preciso, como não será perigosa a inquirição do superfluo? Bem sey, que se responde com o especioso pretexto de reformar o mundo; e que sendo a sensualidade hum vicio, cuja emenda está pendente da efficacia do remedio, devem applicarse os meynos mais opportunos para a sua extirpação. Seja assim. O que eu sey he; que todas as heresias modernas principia-
rao deste modo, e que tendo o principio em liber-
dade

dade reformada, cahirão insensivelmente em libertinagem dissoluta. Não finjo motivos para a calúnnia. A experiencia o prova, a religião o sente, e eu sem reboço o digo: *Non erubescō Evangelium*. Considere logo quem se expõem ao seu perigo, que consequencias podem resultar destes desejos: *Ad sua desideria*.

S. Paulo nos ensina, que não deve o homem saber mais do que lhe convem saber: *Non plus sapere, quam oportet sapere*. E bem, Apostolo das Gentes; o saber muito he materia, de que se possa arguir dano? Sim (responde Paulo.) Toda a demasia he arriscada: toda a moderação he necessariamente virtuosa. Perguntar ao penitente as circumstancias do peccado para fazer juizo serio sobre se são, ou não circumstancias aggravantes, se mudão, ou não de especie: perguntar, e inquirir se accusação he proxima, ou se he a culpa he reincidencia, isso he o que manda a Theologia, e isso he saber com sobriedade: *Sapere ad sobrietatem*. Mas perguntar pelo nome do complice, em que rua vive, em que casa mora, que emprego tem, e isto para o accusar, para o fazer punir; isto he querer saber mais do que convem saber: *Non plus sapere, quam oportet sapere*. Pois este era, quando menos, o tanto fim daquelles bons desejos: *Ad sua desideria*.

Prurientes auribus. Nestas duas palavras apurou S. Paulo todos os primores da arte, e deixou tão vivamente estampada a imagem destes curiosos, como que exprimem bem o caracter da sua doutrina. Não ha no idioma Portuguez termos bastantes para explicar o que ellas significão. Perdoe-

doeme a critica severa, se eu disser alguns, que pareçam menos cultos pelo que tiverem de mais proprios. O que quer dizer aquelle *prurientes auribus* he coçar-se nos ouvidos. Assim declara Capepino o significado daquella voz: *Prurire enim est libidine scalpendi ardere*; e eu accrescentara, que he hum desejo ardente, ou hum appetite desordenado de esgaravatar, ou escarafunchar nos ouvidos. E não he isto o que practicaõ? Não he esta a doutrina, que se intentava estabelecer? E este coçar-se tanto na borbulha não he hum sinal evidente de padecer a comichaõ? E este desejo ardente, este appetite curioso de saber o nome, a patria, a vivenda, e o officio do complice de hum peccado não he propria, e rigorosamente hum escarafunchar nos ouvidos? Sim por certo sem a menor duvida: *Prurientes auribus*.

Ainda significa mais este termo, de que se vale o Apostolo. *Prurio*, diz o mesmo Auctor, *idem est ac peruror*: Abrazarse muito. E que sey eu aonde vay prender este incendio? Elles dizem, que se abrazaõ no fogo do zelo: eu não sey se isto será arder em outro fogo: *Peruror*. Fogo sim; porém fogo, que hia lavrando occultamente para difficultar a sua extinçaõ. Fogo sim; mas fogo malicioso, que fez rebentar a mina, e produzio nas consciencias taõ formidaveis estragos. Fogo sim; mas fogo, que para ser do inferno só se desmentio na pouca duraçaõ. Foy sim; mas fogo revoltado pelo castigo, que merece. Fogo sim; mas fogo, que devia ser queimado, antes que se ateasse a labareda, e nos causasse mayor ruina. Fogo sim; mas não fogo de Deos, nem do zelo, como elles dizem;

zem; porque o verdadeiro zelo não usa deste fogo. Apartouse Elias de seu discipulo Eliseo; e assim o Profeta, como a carroça, e os cavallos, que o conduziaõ, tudo era fogo: *Currus igneus, equi ignei*. Vio Eliseo, que se lhe ausentava hum Mestre como Elias, e clamou assim: *Pater mi, Pater mi; currus Israel, & auriga ejus*: Pay meu, Pay meu, coche de Israel, e seu cocheiro. Não comprehendendo esta expressãõ do Profeta. Cocheiro, e juntamente coche parece impraticavel. Coche he aquelle, em que Elias vay triunfante: cocheiro he aquelle, que guia aos cavallos desse coche. Pois que quererá dizer o discipulo quando diz ao Mestre, que he coche, e mais cocheiro: *Currus, & auriga*? S. Gregorio Magno resolve esta questãõ: *Currus sine auriga est zelus sine prudentia*. Correm os brutos desbocados, se no coche não ha cocheiro, que os governe. Fará mil loucuras o zelo, se não houver prudencia, que o modere. Fiese o zelo ás rédeas da moderaçãõ, e da prudencia, e será fogo de Elias: *Currus igneus, equi ignei, currus Israel, & auriga ejus: Currus sine auriga est zelus sine prudentia*.

Se entrarmos a averiguar a qualidade deste fogo, que intentaõ persuadirnos, que arde *ut octo* na materia da virtude, acharemos, que está incurso na sentença de *currus sine auriga*, ou na de *zelus sine prudentia*. Por ventura pôde chamar-se zelo prudente o que separa a hum Confessor da praxe universal da Igreja? He prudencia a presumpção de que para salvar almas tem estes zelosos mais sabedoria, ou mais actividade, que os Gregorios, os Ambrosios, os Agostinhos, e os Jeronimos?

nymos ? He , ou póde ser prudencia commeter mil absurdos para emendar huma mileria ? Será prudencia expor hum penitente a facilitar hum sacrilegio, e castigar o seu complice com as penas civís, e absolutamente seculares ? He prudencia o negar a absolvição a quem tem adquirido o jus de a conseguir ? He prudencia o estabelecer hum erro , que tem gerado tantos danos ? Maldito seja hum fogo , que não serve de purificar , se não de consumir. Coche sem cocheiro , zelo sem prudencia.

Notay agora , porque he digno de reparo. Subio Elias , deixou cair a capa , que levava, ajudou-a Eliseo nos hombros , e sentio em si dobrado espirito do que Elias teve : *Levavit pallium Eliae , quod ceciderat ; & requievit spiritus Eliae duplex super Eliseum.* Eu bem podera dizer , que do zelo de Elias só ficou no mundo a capa , e a te ; que não haverá quem me desminta ; porque a experiencia mostra, que todos quantos erros estamos lamentando, vão muy cubertos, e dissimulados com a capa do zelo. Porém mais alta , e mais seguramente levanto o voo do discurso. Capa. E de que serve a capa ? De cubrir , e de encubrir. Meſſres do zelo , sabios zelosos da salvação das almas , attendey , que a vós o digo : a capa de Elias , ou a prudencia do verdadeiro zelo não serve para descobrir , senão para encubrir defeitos. Se vedes fóra da confissão hum defeito do vosso proximo , estais obrigados a cubrillo com mil capas , para que ninguém o saiba. E quando o sabeis na confissão , em que o sigillo vos aperta , então vos foge dos hombros esta capa , e nem o podeis cubrir , nem o podeis dissimular ? E intentais persuadirnos , que o vosso

vosso espirito he dobrado, e he mayor, que o espirito de Elias? Não póde ser. Elias teve fogo para abraçar maldades, mas deixou a capa no mundo para encubrir defeitos: *Levavit pallium Eliae, quod ceciderat*. Mas o certo he, que cahio a capa e descahio o zelo, porque faltou a prudencia no vosso fogo: e que este fogo, ou prurito, de que o Apostolo vos condena, sempre dá indicio das vossas intençoens. *Prurire* (diz o citado Calepino) *fæda significationis verbum est*; e finalmente he certo, que semelhantes espiritos só tem de espiritos dobrados o que lhes falta de singellos; porque nem tem a prudencia da serpente, nem a simplicidade da pomba: espiritos, e não como o de Elias; porque *Zelus sine prudentia est currus sine auriga*.

A veritate quidem auditum avertent. Por certo (diz S. Paulo) que espiritos deste lote apartaõ, e pervertem os ouvidos do caminho da verdade. E na verdade he assim; porque doutrina tão mal fundada só leva os homens pelo caminho da mentira. Mas que ouvidos são estes, de quem falla o Apostolo das Gentes? Elle diz, que he hum só: *Auditum*: eu digo, que são dous, ou para melhor dizer, são quatro: dous do penitente, e os outros dous do mesmo Confessor. Apartaõ-se da verdade os ouvidos do Confessor, porque ouvem o que não devem ouvir: apartaõ-se da verdade os ouvidos do penitente, porque dizem o que não devem dizer. Hum Confessor no seu confessorio he hum Juiz no seu tribunal ouvindo partes; e assim como ao Juiz só lhe pertence ouvir o que deve sentenciar, assim ao Confessor só lhe toca

ouvir

ouvir o que deve, ou não deve absolver. E como só os peccados do penitente, e não os do seu complice, fazem materia de sacramento, só esses, e não outros, são aptos para o seu juizo. Logo os ouvidos daquelles Confessores vão errados, porque vão fóra do caminho da verdade: *A veritate auditum avertent.*

Igualmente se apartaõ deste caminho os ouvidos do penitente, porque dizem o que não devem. Nenhum Christão deve infamar ao seu proximo em materia grave; e isto he o que faz quem declara o complice da sua culpa. Se hum homem fizer juizo prudente de que o Confessor póde vir no conhecimento do sujeito, licitamente (antes necessariamente) está obrigado a callar a circumstancia, que o póde descobrir. Pois como póde ser licito obrigar hum Confessor a hum penitente a que pize aos pés hum preceito da caridade? Confelho semelhante não he outra cousa, que introduzirhe pelos ouvidos o veneno: *Prurientes auribus*, para o retirar do caminho da verdade: *A veritate quidem auditum avertent.*

Israel, si audieris me ... non erit in te Deus recens, neque adorabis Deum alienum. Falla Deos com o seu povo, e dizlhe desta sorte: Se tu, Israel, me ouvires a mim, não has de adorar a outro Deos. Vinde cá, Mestres ignorantes, (por não chamarvos hypocritas Confessores) ouvime, e respondeime: He ouvir a voz de Deos obrigar ao proximo, que infame ao seu proximo? Não; porque a voz de Deos he esta: *Diliges proximum tuum sicut te ipsum.* He ouvir a voz de Deos ir accusar o complice a hum Prelado, que o sepulta no carcere;

re ; a hum Juiz , que o mete na masmorra ; a hum Principe , que lhe faz perder a patria ; a hum Bispo , que lhe dilata as Ordens , e o inhabilita para o beneficio ? Não ; porque a voz de Deos he esta : *Non detrahes proximo tuo*. He ouvir a voz de Deos fazer hum absurdo necessario para evitar huma culpa contingente ? Não ; porque a voz de Deos na boca dos seus sabios he esta : *Non sunt facienda mala , ut veniant bona*. Ah ! E que pouco se verifica em vós a sentença de Jesu Christo : *Qui vos audit , me audit* : Quem vos ouve a vós , a mim me ouve ! As vozes de Deos são todas de verdade ; e as vossas são vozes do engano , e da mentira. Ou vós fechais os ouvidos ás vozes de Deos , ou vós adorais outro Deos , que não he o nosso : *Adorabis Deum alienum*.

Falla David com o todo poderoso , e rompe nestes termos : Ouvirey o que me diz meu Senhor , e Deos ; porque sey , que fallará palavras de paz ao seu povo : *Audiam quid loquatur in me Dominus Deus , quoniam loquetur pacem in plebem suam*. Quando as palavras são de Deos , as vozes são todas de paz : quando são dos homens , tudo soa à guerra. Que guerra não tendes declarado , meus imprudentissimos Confessores , á religião , e ás consciencias ? A religião está padecendo a guerra de hum scisma declarado , e as consciencias a demil disturbios manifestos. E são isto vozes de Deos ? Por nenhum caso ; porq̃ as vozes de Deos todas são de paz : *Loquetur pacem in plebem suam*. Povo de Deos he a Igreja Catholica : povo de Deos he o Reyno de Portugal. E querieis vós com dogmas menos seguros alterar a doce paz , e introduzir

duzir o espirito da discordia em Portugal, e na Igreja? E intentaveis persuadirnos, que ouvis as vozes de Deos no retiro da oração? Valente hypocrisia! Esta voz de Deos (continua David no seguinte verso) falla com os seus santos, e com aquelles, que se convertem para o coração: *Et super sanctos suos, & in eos, qui convertuntur ad cor.* Logo não falla comvosco, ou vós não percebeis o que elle diz. A illação he evidente. Os santos convertemse de fóra para dentro; e vós de dentro para fóra. Os santos de fóra para dentro, porque tratao seriamente do homem interior; vós de dentro para fóra, porque vomitais o que tendes no coração: logo com os santos, como David, he que Deos falla, mas não com os santos, como vós; porque vós fazeis nas consciencias a guerra dos escrupulos; e Deos falla ao seu povo palavras mui de paz: *Quoniam loquetur pacem in plebem suam.*

Finalmente para concluir este discurso diz o Apostolo, que estes Mestres, e sua doutrina se ha de converter, e reduzir a fabula: *Ad fabulas autem convertentur.* A palavra *Fabula* se deriva do verbo *For*; e naturalmente entendida vale o mesmo que falladura. E na verdade, que outra he o que estamos vendo, senão huma mera falladura? Vede, se me achais razão. Pergunta o Confessor ao penitente o que não deve perguntar: eis-ahi huma falladura. Responde o penitente ao Confessor o que não deve responder: eis-ahi outra falladura. Fulminase o aneão de negar a absolvição, se não diz com quem peccou; eis-ahi huma falladura. Violentase a vontade para a licença de tratar da emenda: eis-ahi outra falladura. Participase a noticia
ao Juiz,

ao Juiz , ao Principe , ao Prelado : outra falladura. Sabe-o quem o leva á prizaõ , quem o conduz ao navio , não o ignora o carcereiro, o Capitão da nao , o Piloto , o marinheiro , o matalote , os passageiros : todos fallaõ , todos dizem , tudo he falladura ; e entre tanto padece naufragio o sacratissimo sigillo , que devia guardar-se , e salvar-se na taboa da confissão , ainda que pozesse a risco de padecer jactura o mundo , e a Igreja mesma : *Ettam si perderetur universus orbis , & salus totius Ecclesie periclitaretur*. Vede bem as consequencias destas falladuras : *Ad fabulas autem convertentur*.

Levaraõ a Christo á presença de Pilatos , e por mais que o insultaraõ com fallas accusações , emmudeceo o reo innocentissimo : *Jesus autem tacebat*. Observou Pilatos o mudo silencio do accusado , e disselhe , que respondesse aos cargos , que lhe faziaõ : *Nil respondes ad ea , quæ isti contra te testificantur ?* E o Senhor sem dizer palavra : de tal forma , que o Presidente se admirou : *Et non respondit ei ad ullum verbum , ita ut miraretur Præses vehementer*. Oh viva , e sagrada imagem do sigillo da confissão ! Dizeime , senhores : Ha de ser possivel , que guarde silencio quem está ouvindo injurias proprias , e que não deva ter segredo quem ouve as misérias alheas ? Nem nos convence a razão , nem o exemplo nos persuade ? Dirmeheis acaso , que Christo callou , porque assim era preciso para remir o mundo ; e que vós fallais , porque assim he necessario para salvar as almas. E não advertis , que o aspid vay occulto nas flores , o veneno no antidoto , a ruína no remedio ?

E não

E não reparais, que quando quereis salvar aos outros, vos condenais a vós mesmos? *Quid prodest homini, si mundum universum lucretur; animæ vero suæ detrimentum patiatur?* Sim: que revelar o figillo he peccado mortal da primeira plana, e hum peccado mortal não deve commetterse, ainda que delle se seguisse a salvação de mil mundos. Tomay bem o pezo a estas falladuras, que o Apostolo condena: *Ad fabulas convertentur.*

Dizia hum dos sete sabios de Grecia, que não saberia fallar quem não soubesse guardar silencio: *Loqui ignorabit qui tacere nesciet.* Se no seu tempo se praticasse esta doutrina do nosso tempo, que diria destes sabios aquelle sabio? Aquelle segredo tão venerado até dos mesmos gentios, como Socrates, Platao, Aristotele, e Seneca, vive hoje reduzido a fabula: *Eris perditus in proverbium, & fabulam*, disse Deos no Deuteronomio. Não se falla nas conversações em outra materia; porém como se falla? Com risco, e com escandalo. Fabula também ás vezes se toma por mentira. Porque são mentiras as da Mitologia, por isso se chamao fabulas. E que mentiras não se dizem, que historiolas não se contaõ, que enredos não se tecem, que satyras não se inventaõ em despique da violação do figillo? Eis-ahi o a que se expozeraõ as fautores destas fabulas. E fique convencido, que prognosticou S. Paulo, por desgraca nossa, o que no nosso tempo, e no nosso Reyno estamos lamentando: *Erit enim tempus &c.*

Acabey o sermaõ; mas ainda falta o que S. Paulo vay proseguindo no texto. *Tu vero vigila, in omnibus labora, opus fac Evangelistæ, mimi-*

te-

terium tuum imple: sobrius esto. Comigo parece que falla o Doutor das Gentes. *Vigila.* A' lerta estou para não cahir em semelhante erro, e para advertir a meus proximos, que não cayão. *In omnibus labora.* Alguma cousa, ainda que pouco, tenho trabalhado. Se não tivesse a lingua preza com o cadeado do sigillo, alguns trabalhinhos diria, que sobre este ponto me tem succedido na confissão. *Opus fac Evangelista.* Hoje sim, que tenho dito as verdades. *Ministerium tuum imple.* No meu ministerio clamo até onde chegaõ minhas forças. *Sobrius.* Não sey se a moderação, com que hoje me portey, me faz transgressor de outro preceito do Apostolo: *Increpa illos durè, ut sani sint in fide.* Se fuy sobrio, aquelle conselho me instruiu. Se fuy demasiado, este dictame me desculpa.

No que se segue do texto falla S. Paulo de S. João Nepomuceno, ou falla este famoso Protomartyr do sigillo por boca de S. Paulo: *Bonum certamen certavi, cursum consummavi, fidem servavi:* Eu (diz o famoso Martyr) tive huma grande batalha, eu me vi metido em huma terrivel contenda, eu luctey braço a braço com o meu Soberano; mas não consenti em lisonjearlhe o gosto com jactura da virtude: *Certamen certavi.* Eu acabey felizmente a carreira da minha vida, porque a consummey cingindo a laureola de Martyr: *Cursum consummavi.* Eu guardey inteira fé á observancia do sigillo, porque nem premios, nem castigos me obrigaraõ a romper a sua integridade: *Fidem servavi.* Mas por isso fuy lograr no Ceo a nobilissima coroa, que me tinha prevenido a divina, e justa liberalidade de Deos em galardão de meu heroico
 silen-

de S. João Nepomuceno. 27
silencio: *In reliquo reposita est mihi corona justitiae.* E para animar a meus irmãos, os Confessores pios, e Catholicos, lhes prometto em nome de meu Deus, que se guardarem o sigillo, como eu guardey, teraõ hum premio, como eu tive: *Non solum autem mihi, sed & his.* Grande consolação para os que exercitamos este trabalhoso officio! Grande confusão para aquelles, que o exercitaõ menos bem! Vós, meu invicto Martyr, nos ensinay com a vossa doutrina como sabio, e nos instrui com o vosso exemplo como santo, para que imitando o acerto dos vossos passos, sejamos participantes do vosso premio, e vivendo como Christãos em graça, vos acompanhemos felizmente como bemaventurados da gloria. Amen.



Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

